

sessões do  
**MAGINÁRIO**

ano XVII | n27 | 2012/1







Entrevista com

# Jean-Bruno Renard

Entrevista: Lírian Sifuentes<sup>1</sup>

Tradução: Roberta Coelho Barros<sup>2</sup>



Jean-Bruno Renard é professor de Sociologia na Université Paul-Valéry, Montpellier, França. Pesquisa a sociologia do imaginário em três áreas principais: nas histórias em quadrinhos, nos diversos tipos de crenças - tais como paranormais, para-religiosas, superstições, científicas, extraterrestres, além da ficção científica -, e nos boatos e “lendas urbanas” (ou narrativas-boatos), ao qual dedicou livros e inúmeros artigos. Entre as publicações traduzidas para o português, destacam-se uma de suas obras sobre quadrinhos, “A Banda Desenhada” (Livraria Martins Fontes, 1981) e “Sociologia do

**Sessões do Imaginário:** O Imaginário atua sobre as práticas sociais – bem como sobre os meios e as mensagens – que, por sua vez, o nutrem, num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

**Jean-Bruno Renard:** Sim, existe uma interação, mas eu penso que de fato os meios são ferramentas. Eu sei bem que Marshall McLuhan disse que o *meio é a mensagem*, mas eu acho que podemos ver, pela nossa experiência, que as mensagens podem atravessar todos os tipos de suporte possíveis. Então existe certa influência, é claro, do meio sobre a mensagem. Por exemplo, eles deixam transparecer, de certa forma, a emoção; quando telefonamos podemos passar mais emoção do que por SMS, e é justamente porque não conseguimos passar muita emoção por SMS que acrescentamos os *smiles* para substituí-la.

Imaginário” (Editora Sulina, 2007), publicada originalmente em 2006, com Patrick Legros, Frédéric Monneyron e Patrick Tacussel, um manual universitário sobre a sociologia do imaginário.

Renard participou do XI Seminário Internacional da Comunicação na PUCRS, em novembro 2011, com a palestra *Imaginário, boatos e tecnologia*. Na oportunidade, realizamos uma entrevista com o pesquisador francês, apresentada a seguir. Renard fala sobre tecnologia da informação e suas intervenções na sociabilidade cotidiana, imaginário e práticas sociais

Acredito que o que conta afinal é a intenção dos locutores, a intenção das pessoas que comunicam de transmitir representações, ideias, sentimentos e o imaginário. Comunicar-se com o outro é transmitir mais que informações puramente técnicas. A comunicação é a informação somada à relação, este é o clássico da definição, acredito que em seus estudos vocês aprenderam que comunicação é informação e relação. E quanto ao relacional, acho que o imaginário intervém nos dois níveis, um pouco no nível da informação - por exemplo, já que me interesse pelos rumores, podemos difundir informações falsas, mesmo acreditando que elas sejam verdadeiras, mas difundimos as informações falsas, tanto que há o imaginário que dança também no nível da informação - e no nível da relação, há também o imaginário que lançamos em relação a uma pessoa, imaginamos

que esta pessoa tenha determinada expectativa, determinada demanda, ou que é preciso falar de tal maneira com tal pessoa, então temos representações que influenciam, que determinam uma relação. Tanto no nível da informação quanto no nível da relação que consistem esse conjunto que chamamos comunicação, acredito que o imaginário é preponderante e influente. Portanto, sim, é o imaginário que domina.

**SI:** Como pensar a imagem a partir da lógica das tecnologias da informação e comunicação contemporânea? A escrita ainda terá seu espaço, sendo a imagem técnica um modo muito difundido de experimentar o mundo?

**JBR:** Tratamos um pouco sobre essa questão no XI Seminário Internacional da Comunicação. Juremir Machado da Silva nos perguntou, de forma um pouco abrupta : a escrita vai desaparecer ? A imprensa vai desaparecer? O livro vai desaparecer? Então, sua questão é sobre a escrita em relação à imagem. Pensando um pouco sobre essa questão, meu sentimento é que estamos em uma - como diz Enrico Fulchignoni - civilização da imagem. Acredito que seja falsa a afirmação de que estaríamos presos em uma civilização da escrita. Julgo que existe, claro, imagens em profusão, e som também, mas as imagens, o que vemos, as representações iconográficas, junto com o som, as mídias audiovisuais, são na verdade mídias *audio-scripto-icônicas*, ou seja, são mídias que misturam o som, a escrita (scripto) e a imagem icônica, aliás, a própria escrita tem algo de uma imagem, pois ela também é visual, a tipografia, a caligrafia, uma escrita também é uma imagem, não podemos separar, afinal a imagem e a escrita. Mas tanto na escrita, enquanto sistema alfabético, ou sistema de ideogramas em outras culturas, e produção de texto, quanto nas mídias ditas



audiovisuais, que são *áudio-scripto-visuais*, vemos aparecer muita escrita. Por exemplo, na televisão, com as legendas, alguém que não sabe ler teria informações a menos, e quando assistimos a um filme, há os créditos do final, que lemos, mesmo que passem muito rápido.

Fiquei espantado com o fato de os novos meios de comunicação eletrônica, os telefones celulares, os *smartphones*, todos esses meios modernos, possuírem um teclado para poder digitar um texto, um teclado alfabético, logo, a escrita está sempre presente, e hoje preferimos enviar um SMS, que é escrita, do que telefonar, então percebe-se que a escrita será sempre importante. Na Internet também, os emails são escrita, não é uma grande literatura, geralmente cometemos erros de ortografia, escrevemos de maneira simplificada, mas sempre existe relação com a escrita. É por isso, aliás, que todos os países do mundo querem aumentar a taxa de alfabetização de sua população, e o Brasil, particularmente, faz grandes esforços, acredito que mais de 90% da população brasileira sabe ler e escrever, o que é superior à média mundial.

**SI:** Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos, como coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias?

**JBR:** Esta é uma questão difícil. A ideia que me vem à mente é que antigamente acreditávamos em um modelo hierárquico da comunicação, em uma comunicação que atingiria a todo mundo de maneira indiferente, uma espécie de comunicação da ditadura, alguém fala e todos escutam. Sabemos, com os trabalhos dos americanos particularmente, que na realidade temos um *two steps flow*: há intermediários, os *gatekeepers*, que fazem com

que a comunicação alcance certos grupos, porque estes estão interessados naquele conteúdo; porque os *gatekeepers*, que estão no nível do controle, da seleção de informação, decidem em nome do grupo qual comunicação tem conteúdo que não interessa, e assim, não a passam adiante.

Logo, a ideia de que existe uma comunicação única que alcança a todos, não é verdadeira. Com a internet, é comum dizer que todos podem acessar tudo, mas acredito que na realidade, não, ou seja, a internet tem tendência a se diferenciar, a se tribalizar, para retomar uma expressão de Michel Maffesoli - as tribos - existem tribos que se constituem com as redes sociais e não reúnem todo mundo. As redes sociais reproduzem de certa maneira os grupos relativamente homogêneos sociologicamente, por exemplo, em certo momento, discutimos bastante para saber se, no *Facebook*, os pais podem ser contato de seus filhos, e durante um tempo sim, mas rapidamente não mais, porque os jovens querem estar entre eles, eles não querem que seus pais os vejam no *Facebook*, nem o que eles dizem, ou com quem conversam, então existe uma autonomia, uma certa homogeneidade social, vamos descartar, então, os pais, eles não estarão nas redes sociais.

Com o *Twitter* é a mesma coisa, são pessoas que têm pontos comuns, que possuem características semelhantes de status, idade, sexo ; existem redes sociais mais femininas, outras masculinas, outras mais populares, outras mais intelectuais, algumas com certa sensibilidade política, então existe uma diferenciação, uma variedade e uma riqueza. Após, é como um restaurante, cada um olha o cardápio e escolhe participar ou não de determinada rede, vamos ler tal blog porque nos sentimos próximos das opiniões do blogueiro, ou vamos acessar determinado site - porque os sites na internet são minitribos - e encontraremos sites

de amadores da música popular brasileira, sites de amadores do Harry Potter, por exemplo. Então não se recebe toda a informação. Há uma seleção, uma diferenciação, a ferramenta é universal, mais ela serve à diversidade, no sentido de servir, de estar à serviço da diversidade.

**SI:** No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

**JBR:** Por muito tempo acreditamos que, certamente, iríamos na direção da solidão, como os *geeks*, fãs de informática, que eram dessocializados, com seu sanduíche e sua Coca-Cola ao lado do computador, que não comiam mais com sua família ou seus amigos e, cujo único parceiro, era o computador. Pensamos que todos seriam assim, mas não é verdade, existe sim uma proporção de indivíduos que estão nessa situação, que é considerada por um psiquiatra como patológica, uma espécie de vício; Para a maioria das pessoas, acredito que esses novos meios de comunicação, como a internet, os *smartphones*, as redes sociais, *Twitter*, encorajam e aumentam nossa sociabilidade e nossas relações sociais. Por exemplo, estudos mostraram que a internet não substitui as relações sociais, mas as ativa, as torna mais numerosas, e os contatos feitos pela internet se traduzem seguidamente em encontros em na vida real. A distinção entre a vida real e a vida virtual, na verdade, não existe, podemos fazer uma oposição, mas não uma distinção, pois não são contraditórias. Por exemplo, as pessoas que jogam *RPG online* entram em um universo virtual, onde, através de um avatar, se vive aventuras e se pode comprar coisas. Há um universo, e esse universo continua o mesmo quando se desliga o computador. Percebemos, por um lado, que os jogadores têm dois tipos de comunicação com

os outros nesses jogos: existe a comunicação no interior do jogo – *intragame* – e a comunicação que é feita entre os jogadores que é fora do jogo, ou seja, as pessoas vão falar de si não como um personagem, mas como um indivíduo. Existe então uma outra possibilidade de acontecimento dessa comunicação, na qual os jogadores podem se encontrar também fora da vida virtual, desde que não estejam muito distantes geograficamente. Outros exemplos nos mostram também que as atividades virtuais não substituem as atividades reais, por exemplo. Aqueles que praticam esporte virtualmente, também o fazem na vida real, logo, o perigo de o mundo ser cada vez mais virtual, eu acho que está descartado, não acreditamos mais nisso, sabemos que não se substitui, ao contrário, é a ideia de uma realidade aumentada e, podemos dizer que esses meios de comunicação são uma socialidade, uma sociabilidade aumentada.

**SI:** Uma vez que a evolução tecnológica propiciou que tenhamos hoje meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores), seriam eles ainda mais “extensões do homem” do que o eram os meios de massa antigamente? Na sua visão, em que medida e de que forma é o papel deles como “extensões do homem”?

**JBR:** Sim, gosto muito da palavra *extensão*. Falamos de realidade aumentada, mas eu gosto de falar de socialidade aumentada, ou seja, longe de separar as pessoas, de as individualizar, esses novos meios de comunicação fazem finalmente seu papel, já que comunicar é a informação mas é também a relação, mais uma vez, e então existe

realmente uma possibilidade de comodidade. Sim, as extensões são de certa forma próteses, mas não gosto muito da palavra prótese porque é um pouco médica, colocamos próteses em alguém que está doente, então não gosto muito dessa palavra, pois não se trata de substituir algo que está deficiente, e sim de acrescentar alguma coisa, é uma extensão. Da mesma forma, nós temos a memória, mas nossa memória é aumentada graças a um *smartphone* no qual o *Google* vai nos ajudar a lembrar. Assim, temos uma memória aumentada, uma rede social aumentada, um imaginário que também é aumentado graças aos meios tecnológicos;

O sucesso dos filmes em 3D, a tecnologia não utiliza a comunicação, em princípio, mas o que chamamos no cinema de efeitos especiais, nunca foram tão potentes, pois já conseguimos fazer filmes em três dimensões e com efeitos especiais extraordinários, temos a impressão de criar universos imaginários, e que parecem completamente reais, então temos experiências visuais, elas também, aumentadas. Tudo o que pode aumentar o psiquismo humano só pode ser bom, a partir do momento em que evitamos os produtos psicodélicos. E é menos perigoso.

#### Notas

1 Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Professora do curso de Jornalismo da Unochapecó. E-mail: [lisifuentes@yahoo.com.br](mailto:lisifuentes@yahoo.com.br)

2 Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS. Professora do curso do Centro de Artes da UFPEL. E-mail: [robertabarros@gmail.com](mailto:robertabarros@gmail.com)